

## ENSAIO TEÓRICO SOBRE AS DIMENSÕES MULTI E INTERDISCIPLINAR DO EMPREENDEDORISMO EM SUAS MANIFESTAÇÕES ÉTNICAS E DE IMIGRANTES

*THEORETICAL ESSAY ON MULTI AND INTERDISCIPLINARY DIMENSIONS OF  
ENTREPRENEURSHIP IN ITS ETHNIC AND IMMIGRANT APPROACH*

Eduardo Picanço CRUZ  
Universidade Federal Fluminense - UFF  
[epicanco@id.uff.br](mailto:epicanco@id.uff.br)

Roberto Pessoa de Queiroz FALCÃO  
Unigranrio/ Universidade Federal Fluminense - UFF  
[robertopqfalcao@gmail.com](mailto:robertopqfalcao@gmail.com)

Fabiane da Costa e SILVA  
Universidade Federal Fluminense - UFF  
[fabianecostaesilva@id.uff.br](mailto:fabianecostaesilva@id.uff.br)

Yan Orge Fernandes BARBOSA  
Universidade Federal Fluminense – UFF  
[yanfernandes@id.uff.br](mailto:yanfernandes@id.uff.br)

Artigo recebido em 05/20 – Aprovado em 05/2021

### Resumo

O objetivo deste ensaio é discutir se o empreendedorismo étnico e o de imigrantes são campos inter ou multidisciplinares dessa área de conhecimento. Ambos vêm crescendo em importância na atualidade, devido ao incremento das migrações internacionais, dos movimentos de refugiados e da multi-etnicidade da sociedade contemporânea. Os autores, por meio de um ensaio teórico, apontam para as disciplinas formadoras e suas respectivas contribuições para a formação do campo e dos subcampos em questão. Conclui-se que, embora os estudos sobre empreendedorismo venham clamando por maior interdisciplinaridade, os estudos sobre empreendedorismo étnico e de imigrantes caracterizam-se, majoritariamente, como multidisciplinares. Ressalta-se que a interdisciplinaridade se faz essencial para o progresso do campo e subcampos de estudo em tela.

**Palavras-chave:** interdisciplinaridade; multi-disciplinaridade; empreendedorismo; empreendedorismo étnico; empreendedorismo de imigrantes.

<http://periodicos.unifacex.com.br/index.php/rea>

**ABSTRACT**

*The purpose of this essay is to discuss whether ethnic and immigrant entrepreneurship are interdisciplinary or multidisciplinary fields of this area of knowledge. Both have recently been growing in importance, due to the increase in international migration, refugee issues and multi-ethnicity of contemporary society. The authors, through a theoretical essay, point to the formative disciplines and their respective contributions to the formation of the field and the subfields. It is posited that, although the studies on entrepreneurship have been calling for greater interdisciplinarity, ethnic and immigrant entrepreneurship studies are characterized, in its majority, as multidisciplinary. It is emphasized that interdisciplinarity becomes essential for the progress of the field and subfields of the present study.*

**KEYWORDS:** *interdisciplinarity; multi-disciplinarity; entrepreneurship; ethnic entrepreneurship; immigrant entrepreneurship.*

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste ensaio é discutir se o empreendedorismo é um campo inter ou multidisciplinar de conhecimento. Como objetivos secundários discute-se a mesma questão para dois tipos de empreendedorismo: o empreendedorismo étnico e o de imigrantes.

Antes de mais nada, há de se apontar que Macinnis e Folkes (2010) dizem que para que um campo de estudo se caracterize como uma disciplina, ele deve ter discípulos (i.e. estudantes e pesquisadores). Nesse sentido, muitos trabalhos apontam para o aumento do interesse no tema do empreendedorismo (e também no de empreendedorismo étnico e de imigrantes), o que evidencia que há estudiosos e pesquisadores na área e que a definição de empreendedorismo como disciplina está em processo de construção. Isso é ratificado através de várias bibliometrias que constataram o aumento do número de publicações sobre o tema nas últimas décadas (FRANCO; GOUVEA, 2016; BORBA, HOELTGEBAUM; SILVEIRA, 2011; IIZUKA; MORAES; SANTOS, 2015; ALMEIDA; ZOUAIN, 2016; BACELAR; TEIXEIRA, 2016). Por sua vez, no caso específico do empreendedorismo étnico e de imigrantes se destacam três estudos: Aliaga-Isla e Rialp (2013), Ma, Zhao, Wang e Lee (2013), e Cruz e Falcão (2017).

Além do mais, o conteúdo de uma disciplina é socialmente construído (MACINNIS; FOLKES, 2010). Isto significa que a definição de uma disciplina serve aos propósitos das questões de pesquisa que interessam uma determinada comunidade em uma certa época (BRUYAT; JULIEN, 2000). Vejamos o caso da economia, campo em que o termo empreendedorismo começou a ganhar destaque: ela emergiu no Século XVIII, preocupada com o processo que levava ao progresso econômico e; um século depois, ela se reinventou como a ciência que estudava a alocação de recursos escassos (HÉBERT; LINK, 2006). Com isso, quer-se exemplificar que não apenas o empreendedorismo, mas as disciplinas de uma forma geral, estão em constante construção. Essa observação se faz necessária, porque apesar do aumento do número de publicações sobre o empreendedorismo, muitos trabalhos afirmam que ele é um campo em construção e que, por isso, carece de uma melhor delimitação no que toca o seu objeto de estudo (LANDSTRÖM, 2005, 2010; FRANCO; GOUVEA, 2016; MACHADO; NASSIF, 2014; IIZUKA; MORAES; SANTOS, 2015).

Obviamente que pela natureza da discussão a que se propõe este trabalho, ele parte do princípio de que o empreendedorismo é uma disciplina em construção e, conseqüentemente, um campo de pesquisa demasiado fértil. Mas, para tal, o seu componente social deve ser acompanhado do componente intelectual, isto é, os estudiosos e pesquisadores devem ser disciplinados em um sistema de pensamento e em uma área de especialização (MACINNIS; FOLKES, 2009). Por isso que se concorda com o argumento de Bruyat e Julien (2000) de que o objeto de estudo do empreendedorismo é o diálogo entre o indivíduo e a criação de novo valor. Por esta perspectiva, deve considerar-se o indivíduo empreendedor, o seu projeto, o ambiente e as relações entre esses elementos ao longo do tempo, isto é, a dialogicidade entre o indivíduo e o seu projeto.

Tendo definido o objeto de estudo do empreendedorismo, deve apontar-se em que paradigma ele se apoia, uma vez que isto é essencial para o sistema de pensamento que o fundamenta. Sendo assim, é importante afirmar que a concepção de Bruyat e Julien (2000) adota uma perspectiva construtivista do empreendedorismo, o que significa afirmar que o empreendedor é capaz de criar, aprender e influenciar o seu ambiente de atuação.

Além disso, vale ressaltar que outros fatores sociais contribuem para a legitimação de uma disciplina, tais como o surgimento de associações, de periódicos, de conferências e de departamentos em universidades que a tem como tema central, além da criação de subdisciplinas ligadas ao objeto de estudo da disciplina (MACINNIS; FOLKES, 2010). Desta forma, cabe destacar como elementos legitimadores do empreendedorismo como disciplina as várias associações (tais como Endeavor, The Young Entrepreneurs Association, International Entrepreneurs Association, The International Council for Small Business, United States Association for Small Business and Entrepreneurship, apenas para citar algumas); periódicos (Journal of Business Venturing, Small Business Economics, Entrepreneurship: Theory & Practice, Journal of Small Business Management, Entrepreneurship, Innovation and Change, Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas etc); conferências (Research in Entrepreneurship and Small Business Conference, USASBE Conference, IBA Global Entrepreneurship Conference; Innovation and Entrepreneurship Conference, Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, Conferência Anual de Startups e Empreendedorismo, etc) e universidade e seus departamentos (Babson College Entrepreneurship Department, MIT Sloan Entrepreneurship Development Program, Berkeley-Haas Entrepreneurship Program, Department of Entrepreneurship and Strategy Utah University, University of Navarra - IESE Business School, Departamento de Empreendedorismo e Gestão da Universidade Federal Fluminense, dentre outros) que se ocupam do empreendedorismo. Além disso, são apontados exemplos de campos de estudo oriundos das manifestações deste fenômeno empreendedor, tais como empreendedorismo social, empreendedorismo urbano, empreendedorismo acadêmico, empreendedorismo étnico, empreendedorismo de imigrantes, só para citar algumas.

Compreendendo, portanto, o empreendedorismo como uma disciplina em construção ou campo de estudo em construção, faz-se necessário debater se ele se configura como um campo do conhecimento inter e/ou multidisciplinar. Por isto que este trabalho está organizado da seguinte maneira: segue a esta breve introdução, um debate sobre a emergência do empreendedorismo como inter e multidisciplinar. Em seguida descreve-se de forma breve a metodologia, e após, é apresentado semelhante debate sobre os estudos do empreendedorismo étnico e empreendedorismo de imigrantes. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

## REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE EMPREENDEDORISMO: CONSTRUÇÃO DA SUA RELAÇÃO COM INTER E MULTIDISCIPLINARIDADE

É interessante perceber que o empreendedorismo não nasceu como um campo do conhecimento, mas como um ramo de atividade. O termo de origem francesa 'entrepreneur' – e que significa intermediário - já era utilizado na Idade Média para designar aquela pessoa que intermediava a venda de produtos (HISRIC; PETERS, 2004). Foi na virada do Século XIII para XIV que o termo passou a designar a pessoa que criava e conduzia grandes projetos, assumindo os riscos inerentes a esta ação (FILION, 1999). Essa relação de risco e empreendedorismo foi cunhada por Cantillon, fisiocrata francês que, no Século XVIII, considerava o empreendedor alguém dono de seu próprio trabalho e que se engajava em algum tipo de atividade pela qual assumia riscos para obter lucros (HERBERT; LINK, 2006).

Importa afirmar que Hoselitz (1951) não conseguiu identificar nenhuma evidência de teoria econômica do empreendedorismo anterior a Cantillon. Portanto, há de se concordar com Vale (2014) de que até aquele momento, a preocupação em identificar o empreendedor era mais de natureza descritiva do que teórica.

Apesar do esforço de teorização sobre o tema ter se iniciado com economistas clássicos franceses no Século XVIII, no século seguinte, a emergência da economia neoclássica - com mais expressão no Reino Unido, ao privilegiar o fluxo de produção e de capital, ignorou o fluxo de informações e o papel do empreendedor na teoria econômica (VALE, 2014). Mesmo assim, alguns economistas, durante o próprio Século XIX, consideravam o empreendedor como cerne do processo de produção e distribuição (um exemplo é o francês Jean Baptiste Say, famoso por cunhar a frase "a oferta cria sua própria procura") ou consideraram o empreendedor o intermediário entre produção e consumo e, desta forma, o agente que unia todos os aspectos da economia - como o fez Marie-Ésprit-Léon Walras, criador da Lei do Equilíbrio Geral (VALE, 2014; HERBERT; LINK, 2006).

Schumpeter, no Século XX, colocaria o empreendedor como núcleo das transformações e do desenvolvimento econômico, ao considerá-lo como agente inovador. Para Schumpeter (1982), o empreendedor era responsável por executar novas combinações dos fatores de produção, dando origem a novos produtos e mercados, que substituiriam os antigos hábitos de produção e de consumo através do que denominou de destruição criadora.

Seria na década de 1940, que ocorreriam os primeiros esforços de sistematização dos estudos sobre empreendedorismo, quando Schumpeter lecionava na Harvard University. Mais exatamente em 1946, houve a criação do centro de estudos sobre o empreendedorismo e, um ano depois, a criação do primeiro curso de graduação em empreendedorismo, ambos na Harvard University (WILSON, 2008). A partir disso, outras áreas de conhecimento começaram a se interessar pelo empreendedorismo e pelo empreendedor (MACHADO; NASSIF, 2014).

Na mesma década de 1940, sociólogos como Talcott Parson iniciaram pesquisas que buscavam entender como os contextos históricos e as estruturas sociais influenciavam os empreendedores (MACHADO; NASSIF, 2014). A perspectiva sociológica se preocupou em identificar como os grupos e as instituições sociais influenciavam as

escolhas do empreendedor (FRANCO; GOUVEIA, 2016). Estes estudos contribuíram para identificar a influência da cultura social e dos aspectos relacionais da ação do empreendedor.

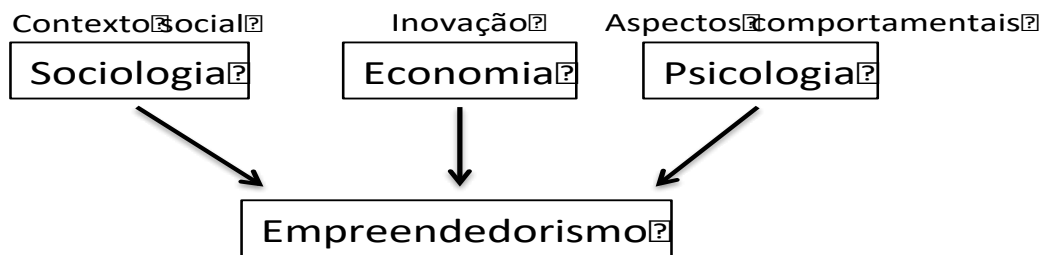
Estas pesquisas na área da sociologia iniciariam uma perspectiva multidisciplinar do empreendedorismo. Quer dizer, uma abordagem que justapõe a visão de diferentes disciplinas sobre o estudo de determinado tema ou problema (BOSI O, 2008). Esse caráter multidisciplinar foi reforçado duas décadas após, quando a psicologia iniciou o debate sobre as motivações que levavam os indivíduos a empreenderem. Isto abalou a primazia da economia neste campo de estudo, uma vez que esta buscava explicar o empreendedorismo sempre por fatores externos, tais como oportunidades de mercado, descoberta de novos recursos etc. Diferente da economia, portanto, a psicologia se esforçou para explicar o fenômeno do empreendedorismo pelos fatores internos, mais precisamente, pelos valores e motivações humanas que levavam o indivíduo a querer explorar oportunidades e a gerar progresso econômico (VALE, 2014).

David McClelland – psicólogo americano que desenvolveu a teoria das necessidades adquiridas - concluiu que empreendedores possuíam uma necessidade de realização pessoal e que, por isso, possuíam algumas qualidades (tais como audácia, persistência, liderança e propensão ao risco) que os levavam a buscar a melhoria de seus empreendimentos e da sociedade (VALE, 2014). Com isso, McClelland abriu portas para outros programas de formação empreendedora, contudo, de cunho comportamental.

É importante frisar que a abordagem da psicologia enfatizou a ação individual do empreendedor, mas, assim como a vertente sociológica, considerava que a sociedade também afetava a sua personalidade. Quer dizer, ampliava-se o espectro de análise do empreendedorismo para além do que tratava a abordagem econômica e destacava a importância do contexto social para a ação do empreendedor. Ainda assim, os primeiros estudos sobre empreendedorismo se caracterizavam como altamente multidisciplinares, ao lhes serem atribuídas visões e conceitos de diferentes áreas do conhecimento (FRANCO; GOUVEIA, 2016).

A emergência de natureza multidisciplinar do empreendedorismo pode ser representada de forma simplificada na Figura 1. Nela é possível verificar que as diferentes disciplinas (economia, sociologia e psicologia) analisavam de forma diferente o empreendedorismo. Quer dizer, não havia relações de trocas entre os diferentes campos do conhecimento, havia, na realidade, uma justaposição de diferentes teorias e abordagens sobre um mesmo tema/problema – o que caracteriza a multidisciplinaridade (BICALHO, 2012).

**Figura 1 – Emergência Multidisciplinar do Empreendedorismo**



Fonte: elaboração própria.

Na década de 1970, os estudos do empreendedorismo ingressaram na era gerencial (LADSTROM; LOHRKE, 2010). Durante aquele período se passou a associar as habilidades e motivações do empreendedor ao processo de criação de valor (JULIEN, 2010). Quer dizer, começou um esforço de inter-relação entre aspectos comportamentais e econômicos para estudo do empreendedorismo. Naquele período se evidenciou o empreendedorismo como um fenômeno complexo e heterogêneo (DAVIDSSON, 2008)

Durante a década de 1970, ocorreram os primeiros eventos acadêmicos sobre empreendedorismo e a criação da divisão acadêmica em congresso de área (COOPER, 2005). A década de 1980 ficou marcada pela criação de periódicos acadêmicos - como *Entrepreneurship Theory and Practice*, o que se intensificou nos anos seguintes. Esses movimentos apontavam para esforços organizados com vistas à legitimação do empreendedorismo como campo de pesquisa e estudo. Quer dizer, estudiosos e pesquisadores começaram a organizar e a criar institutos (como eventos e periódicos de área) dedicados ao tema do empreendedorismo. Desta forma, o empreendedorismo começou a desenvolver um campo de pesquisa próprio (FRANCO; GOUVEIA, 2016).

Embora o ensino do empreendedorismo tenha iniciado nos Estados Unidos na década de 1940, só mais recentemente, ao redor da década de 1990, que ele começou a ser introduzido de forma substancial em instituições de ensino europeias (WILSON, 2008). Dali por diante, o empreendedorismo começou a conquistar espaço mundo e academia afora, uma vez que para se legitimar como campo do conhecimento dependia de avanços em estudos e pesquisas.

Isso nos permite afirmar que o empreendedorismo é um jovem campo do conhecimento, já que a maioria das instituições e publicações sobre o tema começaram a surgir há trinta anos. É possível dizer que o termo ganhou destaque, porque acompanhou o que vinha acontecendo na sociedade e, por isso, despertou interesse de parte da comunidade científica. Ora, há trinta anos se acreditava que as grandes corporações dominariam a economia, no entanto, de lá para cá, o que se percebeu é que as pequenas empresas são responsáveis por grande parte dos empregos e são vitais para a economia (COOPER, 2005). Tanto que a maioria das empresas que existem hoje nos Estados Unidos, não existiam há trinta anos e são elas as responsáveis pelo caráter inovador dos novos negócios, assim como por imputar

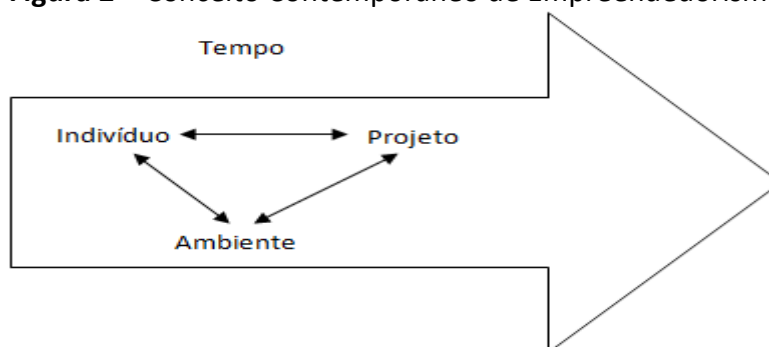


dinamicidade na economia através da concorrência (WILSON, 2008). Há também um movimento crescente de incubadoras de negócios corporativas como forma de fomentar a inovação por mecanismos menos burocráticos, representados inicialmente pelos “skunk works” da Toshiba e da Xerox PARC (ROGERS, 2010), mas que foram sendo disseminados e incorporados em grandes corporações mundiais ao longo do tempo (BECKER; GASSMANN, 2006; EVALD; BAGER, 2008).

Por ser um campo do conhecimento que ganhou evidência recentemente, o empreendedorismo atrai o olhar de pesquisadores de diferentes áreas que, não necessariamente conversam entre si. Mas, há de se afirmar que foi nos estudos gerenciais que o empreendedorismo recebeu maior atenção, tanto no que toca os periódicos e eventos, como no que toca os esforços de sistematizar conceitos, teorias e métodos. Nesse sentido, é possível apontar avanços no aporte teórico-metodológico do campo em estudo, tais como teorias que discutem criação de oportunidades, refinamento da visão do empreendedor referente a aspectos cognitivos e emocionais e identificação de mecanismos específicos da ação empreendedora a exemplo da bricolagem e da effectuation (SARASVATHY, 2001; VENKATARAMAM; SARASVATHY; DEW; FORSTER, 2012).

Nos estudos gerenciais, o empreendedorismo começou a ser tratado como fenômeno complexo e dinâmico, uma vez que não foi concebido como fenômeno individual e nem como fruto exclusivo de fatores externos à pessoa do empreendedor. Este, na realidade, passou a ser considerado como um agente social ativo que, através de fatores internos (tais como habilidades relacionais e características pessoais) e externos (condições sociais e econômicas), cria valor através da identificação de oportunidades. E, por isso que a definição adotada neste ensaio congrega na dialogicidade entre o indivíduo e seu projeto, aspectos pessoais, relacionais e ambientais, na tentativa de apreender a dinamicidade e complexidade do conceito. O que pode ser representado esquematicamente conforme a Figura 2.

**Figura 2 – Conceito Contemporâneo de Empreendedorismo**



**Fonte:** Adaptado de Macinnis e Folkes (2009).

O que deve ficar claro a partir da figura 2 é a pluralidade do objeto de estudo do empreendedorismo e a necessidade de se desenvolver teorias e de se realizar análises que contemplem a sua multidimensão (aspectos individuais, condições sociais e econômicas ao longo do tempo no decorrer do processo de criação valor, do projeto).



O conceito adotado aqui e que considera a dialogicidade entre o indivíduo e a criação de valor no decorrer do tempo e do contexto social demanda uma maior integração de diferentes áreas do conhecimento para análise do fenômeno do empreendedorismo. Portanto, ele não pode ser apenas um tema comum a diferentes áreas do conhecimento. Isso sinaliza a importância de se desenvolver aportes interdisciplinares na área (BOISOT, 1972; VALE, 2014).

Na realidade, o empreendedorismo surgiu como um novo domínio de conhecimento, mas que foi tomado por disciplinas antigas, tais como economia e sociologia. No entanto, “novos conceitos e teorias transformam a maneira como objetos são tratados em disciplinas tradicionais” (KLEIN, 1996, p. 134). Ao fazer isto, quer dizer, ao congrega diferentes aportes disciplinares para sua análise, ao mesmo tempo em que transforma outras disciplinas, o empreendedorismo se configura como um campo interdisciplinar.

Isso porque na interdisciplinaridade ocorrem intercâmbios e enriquecimento entre as disciplinas (BICALHO, 2012). Na interdisciplinaridade existe compartilhamento de trabalho entre as disciplinas, no sentido de operarem conceitos comuns e de estabelecerem canais de troca para uma nova combinação de elementos (BOSIO, 2008). A interdisciplinaridade não requer uma justaposição ou complementaridade entre disciplinas, mas dela deve surgir novos conhecimentos.

Segundo os campos de estudos definidos por Vésper (1977) e os subcampos de estudos definidos por Schreier e Komives (1973), são elencados primeiramente a (i) história do empreendedorismo, contendo biografias e histórias de empreendedores; a (ii) psicologia para empreendedores; a (iii) sociologia do empreendedorismo, englobando o empreendedorismo feminino, de minorias, o empreendedorismo em outras culturas; o (iv) desenvolvimento econômico via empreendedorismo, englobando uma discussão sobre minorias e o empreendedorismo, o desenvolvimento econômico (das regiões e geral), a (v) educação empreendedora, incluindo programas, escolas e metodologias de ensino; as (vi) startups de pequenos negócios; o (vii) capital de risco; e os (viii) avanços da administração de pequenos negócios, englobando a análise de falência do empreendimento, consultoria para pequenas empresas, conceitos de administração aplicados ao empreendedorismo; o (ix) empreendedorismo corporativo; (x) inovação tecnologia e pesquisa e desenvolvimento.

É por sua natureza interdisciplinar que o empreendedorismo não pode ser entendido pelas disciplinas tradicionais isoladamente, mas na relação de intercâmbio entre elas, como demonstrado na Figura 3. Por tanto, pode-se afirmar que com o exposto até aqui que o empreendedorismo tido como disciplina ou mesmo ainda como um campo de estudo, é marcado pela interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, não como soma de disciplinas, mas pela capacidade de mobilizar diversos conceitos e práticas adequadas às necessidades atuais e aos desafios de formação.

**Figura 3 – Empreendedorismo como Interdisciplinar**



**Fonte:** Elaborado pelos autores com base em Bosio (2008).

## **METODOLOGIA**

Foi realizado um ensaio teórico, baseado em uma pesquisa bibliográfica-documental acerca do tema empreendedorismo, delimitando trabalhos acadêmicos que apontassem a construção do empreendedorismo como campo de estudo e como disciplina a ser ministrada (FRANCO; GOUVEA, 2016; BORBA, HOELTGEBAUM; SILVEIRA, 2011; IIZUKA; MORAES; SANTOS, 2015; ALMEIDA; ZOUAIN, 2016; BACELAR; TEIXEIRA, 2016). Ainda, aprofundando-se no caso específico do empreendedorismo étnico e de imigrantes buscou-se ancorar em três estudos: Aliaga-Isla e Rialp (2013), Ma, Zhao, Wang e Lee (2013), e Cruz e Falcão (2017).

Segundo Meneghetti (2011), um ensaio teórico gerar questionamentos que orientem reflexões mais profundas, sem a disposição formal de um estudo que siga metodologias científicas tradicionais. Neste caso, a fundamentação teórica se faz mais relevante do que uma metodologia definidora de critérios de coleta e análise de dados, caracterizando-se por sua natureza reflexiva e interpretativa, diferente da forma classificatória da ciência. Já Adorno (1986) afirma que um ensaio não requer a comprovação empírica, mesmo que ela possa apresentar-se como elemento de confirmação de pressupostos. Ainda segundo Meneghetti (2011), um ensaio teórico é um meio para análise e elucubrações em relação a determinado campo de pesquisa ou assunto, independente de sua natureza ou características. Nesse sentido, Adorno (1986) afirma que a forma de ensaio teórico é onde são incubados novos conhecimentos, discutidos para posterior análise. O momento do ensaio teórico pode ser anterior à descoberta científica e formulação de hipóteses.

Visando dar suporte ao ensaio teórico, foram levantadas as principais associações profissionais, periódicos, conferências e departamentos em universidades que integram o campo de empreendedorismo como tema central. Complementarmente foram adicionadas outras referências à discussão teórica do campo.

## INTERAÇÕES NO EMPREENDEDORISMO ÉTNICO E IMIGRANTE

Além do caráter holístico do empreendedorismo, alguns tipos de empreendedorismo ou outros campos de estudo foram emergindo ao longo dos anos, tais como o empreendedorismo social (OLIVEIRA, 2004; BORNSTEIN, 2006), o intra-empreendedorismo ou empreendedorismo corporativo (PINCHOT, 1989), o empreendedorismo étnico e de imigrantes (BONACICH, 1973; CRUZ; FALCÃO, 2017).

O estudo específico do empreendedorismo étnico e de imigrantes é relevante no atual contexto, devido ao crescente debate referente à imigração e derivado da chegada de refugiados em países como Estados Unidos, Alemanha, Turquia, Itália e Brasil.

Para firmar posicionamento acerca dos dois temas debatidos neste item, é importante pontuar que autores como Bonacich (1973) e Light, Bhachu e Karageorgis (1993) diferenciam esses grupos da seguinte forma: (i) o imigrante é aquele que migrou ou estrangeiro pertencente à primeira geração; (ii) os indivíduos pertencentes a uma minoria étnica (os próprios imigrantes ou seus descendentes) são tratados apenas como grupo étnico. Essa distinção é importante pois a literatura sobre a ação empreendedora desses grupos faz uma distinção entre os dois grupos: empreendedorismo de imigrantes (immigrant entrepreneurship) e empreendedorismo étnico (ethnic entrepreneurship).

As interações disciplinares desses diferentes contextos de estudo do empreendedorismo se manifestam de diversas formas como pode ser percebido ao se analisar três estudos bibliométricos que analisaram sob diversos prismas esse campo: Ma, Zhao, Wang e Li (2013), Aliaga-Isla e Rialp (2013) e Cruz e Falcão (2017). Esses estudos apontaram para algumas áreas formadoras dos campos em questão, identificando a preponderância da sociologia em seus primórdios, seguidos pelos estudos urbanos de concentração espacial dos enclaves étnicos ou da assimilação cultural, ou seja, das disciplinas de geografia e urbanismo. Mais recentemente, a análise dos aspectos sociológicos e econômicos, ampararam-se no uso da teoria dos capitais de Bourdieu (1986) e na análise comparativa da geração de renda dos diversos grupos étnicos, respectivamente. Nesse sentido, alguns autores seminais foram cruciais na criação e conformação desses campos de pesquisa (PORTES; ZHOU, 1992; ALBA; LOGAN, 1993; ALBA; NEE, 2014; ZHOU, 2004).

Aliaga-Isla e Rialp (2013) destacam que o caráter multidisciplinar do tema se apresenta como um desafio da pesquisa realizada. Os autores apresentaram evidências de que a maioria dos estudos sobre empreendedorismo imigrante se concentrou nas comunidades estabelecidas nos EUA, Europa e Oceania. Importa observar que as duas primeiras localidades têm discutido amplamente o tema dos imigrantes e de minorias étnicas devido a mudanças na legislação e ao grande movimento migratório que vem ocorrendo recentemente, respectivamente.

Além disso, Aliaga-Isla e Rialp (2013) identificaram que, via de regra, os estudos não utilizavam nenhuma teoria específica. Apesar disso, foram capazes de apontar algumas proposições teóricas abordadas: teorias do capital humano - para analisar as características dos imigrantes; teoria cognitiva social - para estudar a influência do ambiente social na busca de oportunidades empreendedoras; teoria do social - para investigar semelhanças entre os empresários imigrantes localizados em diferentes

regiões; cultura nacional - para compreender dimensões individualistas e coletivistas; teorias de interseccionalidade e a perspectiva psicológica - para desenvolver o conceito de etnia feminina, entender o significado da feminilidade para mulheres de negócios imigrantes muçulmanas no empreendedorismo e analisar o comportamento empreendedor das mulheres imigrantes.

Ma, Zhao, Wang e Li (2013), por sua vez, realizaram estudo em um conjunto de 403 artigos de periódicos e usaram análise de co-citação para identificar os principais temas de pesquisa na literatura de empreendedorismo étnico entre 1999 e 2008. Os resultados mostraram que os principais temas versavam sobre economias de enclaves, empresas étnicas, inserção social dos empreendedores imigrantes, redes de imigrantes e empreendedores transnacionais. Os autores afirmaram que o debate do empreendedorismo étnico gira em torno da figura dos 'empresários imigrantes', nas 'redes de negócios imigrantes' e nos 'empresários transnacionais'. Esses autores observaram que, no futuro, a interdisciplinaridade da pesquisa sobre empreendedorismo étnico e de imigrantes se fará essencial para fornecer novas ideias e novas perspectivas para levar o campo adiante.

Por um lado, os autores mais citados no campo de empreendedorismo geral são oriundos de correntes da estratégia, psicologia e administração, tais como Cooper, Aldrich, MacMillan, Gartner, Hannan, March, Brockhaus, Sane, Venkataraman, Woo, McClelland e Granovetter (BORBA, HOELTGEBAUM; SILVEIRA, 2011). Por outro, os autores que fertilizaram o campo do empreendedorismo de imigrantes são provenientes dos campos de geografia, economia, gestão, sociologia e políticas públicas, como apontado por Cruz e Falcão (2017).

Cruz e Falcão (2017) elaboraram um quadro estatístico e de revisão de literatura envolvendo textos desde a década de 1980 até o ano de 2016. O Quadro 1 apresenta os principais autores, assuntos pesquisados e seus respectivos departamentos de origem. Este último item é vital para o presente estudo, uma vez que permite identificar o campo disciplinar que originou e tratou os temas do empreendedorismo étnico e imigrante. Nota-se no Quadro 1, a diversidade de campos do conhecimento que tratam sobre os subcampos em questão.

Estes autores, devido à sua expressão nos campos em análise os influenciaram direta ou indiretamente, norteando a discussão a seu respeito. Por exemplo, a teoria da assimilação e auto-emprego, trazida no artigo de Portes e Zhou (1992), mostra as vantagens e desvantagens de participar de um enclave étnico, que funciona como facilitador da assimilação cultural e proporciona acesso privilegiado a redes de capital social, emprego e fornecedores.

O aporte teórico que apoiou o referido estudo se baseou em aspectos trabalhados na sociologia, economia e estratégia. Questões culturais e da ecologia organizacional, originárias da antropologia, também estão presentes nas pesquisas dos subcampos, como no artigo de Evans e Leighton (1989), o qual discute por que alguns grupos de imigrantes são mais propícios a empreender do que outros.

**Quadro 1** – Autores de expressão e principais temas sobre empreendedorismo étnico e imigrante

# artigos	Nome	Universidade / Departamento	Principais Temas
18	Johnston, Ron	Faculdade de Ciências Geográficas da Universidade de Bristol	Segregação étnica, assimilação cultural e enclaves étnicos
15	Forrest, James	Departamento de Geografia Humana da Macquarie University	
14	Poulsen, Michael		
11	Kwon, Seok-Woo	Departamento de Gestão Estratégica da Fox School of Business na Temple University	Capital social entre imigrantes
9	Boyd, Robert L.	Professor de sociologia na Mississippi State University	Economias étnicas, Varejo entre imigrantes
8	Alba, Richard D	Distinguished Professor do Graduate Center – Universidade de Nova York	Desenvolveu a teoria de assimilação para se ajustar à era contemporânea, multi-racial da imigração, com estudos na América, França e Alemanha.
8	Wang, Qingfang	Professora de política pública na Universidade da Califórnia - Riverside.	Imigração, raça / etnia, empreendedorismo e migração transnacional
7	Fong, Eric	Professor de Sociologia da Universidade de Toronto	Examina atualmente as empresas de imigrantes em pequenas e grandes cidades.
7	Logan, Jr	Departamento de Sociologia da Universidade de Albany – NY	Economias étnicas e imigrantes em grandes cidades: Miami, NY e Los Angeles
7	Portes, Alejandro	Dep. de Sociologia, Universidade de Princeton	Empreendedorismo imigrante, enclaves étnicos, capital social e mobilidade econômica.
7	Zhou, M	Professora de Sociologia e estudos do Asian American na UCLA	Migração internacional, relações étnicas e raciais e empreendedorismo imigrante
6	Nijkamp, Peter	Prof.de Economia Regional e Urbana e Geografia Econômica na VU University – Amsterdam	Empresários étnicos e economia urbana
5	Chen, Wenhong	Universidade do Texas	Capital social, redes sociais e empreendedorismo
5	Clark, Ken	Escola de Economia da Univ. de Manchester	Migração e auto-emprego no Reino Unido
5	Li, Peter S.	Professor de sociologia - Univ. de Saskatchewan	Raça e etnia, imigração, chineses no Canadá
5	Light, Ivan	Prof. Emérito Dept. de Sociologia - UCLA	Imigração, empreendedores e sociologia urbana
5	Liu, Cathy Yang	Escola de Estudos Políticos - Univ. Estadual da Georgia	Segregação étnica, empreendedorismo étnico
5	Nee, Victor	Departamento de Sociologia - Cornell University	Sociologia econômica, papel das redes e normas nas instituições econômicas e organizações.
5	Razin, Eran	Dept. de Geografia - Hebrew University of Jerusalem	Empreendedores étnicos nos EUA e Canadá
5	Sanders, Jm	Prof. de Sociologia - Univ. da Carolina do Sul	Capital social e humano e solidariedade limitada.

**Fonte:** Adaptado de Cruz e Falcão (2017).

Os trabalhos de Alba e Logan (1993) e de Iceland e Wilkes (2006) analisam modelos teóricos complementares de assimilação espacial e estratificação por localização. Estes estudos, por sua vez, trabalharam aspectos da geografia e de estudos urbanos. Os mecanismos de sobrevivência originários da ecologia organizacional estudada pela sociologia e pela área de gestão, também são discutidos para diversas etnias, assim como para a questão de gênero no empreendedorismo (CRUZ; FALCÃO, 2017). Há também estudos como o de Nee, Sanders e Sernau (1994) que mostram tendências de alguns imigrantes que se afastam dos sub-empregos da economia étnica mais informal, buscando trabalho formais fora do enclave, seja devido ao grau de educação ou a outros fatores culturais. Estudos desta natureza se embasam nas ciências sociais.

Os mercados étnicos, examinados por diversos autores, como por exemplo Logan, Alba, e McNulty (1994) e o transnacionalismo, discutido por Portes, Guarnizo e Haller (2002) como uma forma alternativa de adaptação econômica de minorias étnicas nas sociedades, baseiam-se na teoria de redes aplicadas ao contexto transnacional. Quer dizer, estes estudos possuem também um viés fortemente sociológico.

O Quadro 1 ainda permite identificar que 32% dos artigos identificados no estudo de Cruz e Falcão (2017) foram assinados por apenas um autor. Dentre os trabalhos publicados em parceria, mais de 95% envolveram autores da mesma área de ensino. As principais disciplinas que sustentaram os artigos foram a Sociologia e a Geografia. Em menor quantidade, foram identificados trabalhos fundamentados em preceitos econômicos ou de gestão. As poucas interações entre disciplinas identificadas foram entre: (i) economia e geografia; (ii) economia e gestão; (ii) sociologia e geografia. Portanto, pode afirmar-se que o campo de estudos de empreendedorismo étnico e imigrante atua prioritariamente de forma multidisciplinar, ou seja, não há integração de conhecimentos das diferentes disciplinas que os abordam, assim como ocorreu com o desenvolvimento dos estudos sobre empreendedorismo conforme mostra a Figura 4.

**Figura 4 – Multidisciplinaridade do Empreendedorismo Étnico e Imigrante**



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Apesar disso, foram detectados esforços, ainda que tímidos, no intuito de imputar caráter interdisciplinar em alguns poucos estudos, o que é essencial para que as

pesquisas sejam capazes de abarcar a complexidade dos fenômenos relativos ao empreendedorismo étnico e imigrante, assim como para desenvolver novos saberes a seu respeito.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Se por um lado, a pesquisa atual sobre empreendedorismo revela características de sua interdisciplinaridade mais do que sua multidisciplinaridade, derivada do próprio conceito adotado da dialogicidade, ao se analisar os campos do empreendedorismo étnico e de imigrantes, evidencia-se um caráter multidisciplinar, talvez explicada pelo período inicial de pesquisa, assim como ocorreu com a pesquisa sobre empreendedorismo em seus momentos iniciais.

O empreendedorismo em seu sentido amplo apresenta uma relação com a criação de valor e, conseqüentemente, com a inovação, o que demanda uma grande interdisciplinaridade, uma vez que ela é fruto do intercâmbio de ideias de diferentes contextos e áreas do conhecimento. Por outro lado, o empreendedorismo étnico e imigrante, apesar de ser abordado e tratado por diferentes disciplinas, como estudos urbanos, sociologia, economia e gestão, apresenta um caráter multidisciplinar, divergindo, portanto, da tendência atual de seu campo de origem, o empreendedorismo.

Muito embora, a análise de problemas sociais, como o dos movimentos migratórios, implique uma análise mais aprofundada de diferentes perspectivas, estes estudos no campo do empreendedorismo ainda não conseguiram superar a justaposição de diferentes visões sobre este problema. Sendo assim, as questões dos campos em tela ainda são tratadas sob escrutínio de diferentes disciplinas tradicionais, tais como economia, sociologia, antropologia, estudos urbanos. Mas, não parece haver uma inter-relação íntima entre essas disciplinas tradicionais nos estudos de empreendedorismo étnico e imigrante, mesmo sabendo que cada uma contribui de forma expressiva para o seu crescimento e maturidade.

É possível falar que nos deparamos com um paradoxo: enquanto o empreendedorismo aparenta ser interdisciplinar; o seu estudo em diferentes contextos, como é o caso do empreendedorismo étnico e imigrante aponta para uma multidisciplinaridade, uma vez que não há relações de trocas e nem, aparentemente, há produção de novos conhecimentos nas disciplinas que o estudam. Embora o empreendedorismo esteja em um ponto de desenvolver suas próprias teorias e metodologias para se firmar como campo do conhecimento, o seu estudo em contextos específicos não parece acompanhar este movimento, sendo abordado de forma fragmentada.

Apesar de parecer caminhar para a interdisciplinaridade, a maioria dos estudos sobre empreendedorismo ignora o contexto histórico do empreendedor. E isso aponta para uma necessidade ainda maior de amadurecimento do campo. Uma abordagem histórica, além de evidenciar ainda mais o caráter interdisciplinar do campo, traria grandes contribuições frente ao conceito de empreendedorismo adotado neste trabalho e que considera as relações entre o indivíduo e o seu projeto de criação de novo valor ao longo do tempo. Com isso, afirma-se que para que o empreendedorismo



seja considerado dialógico é necessário considerar o contexto mais amplo, quer dizer, as condições materiais e históricas que possibilitam ou impedem a criação de valor, ou seja, o projeto do empreendedor. Só com esta condição é possível considerar o empreendedor um agente social ativo que se transforma ao transformar a realidade.

As escolas de empreendedorismo e, conseqüentemente o seu ensino, têm privilegiado o saber mais instrumental, prático. Isso ocorre por privilegiarem profissionais do mercado para cargos de professores que, devido a esta natureza, acabam por não se aprofundarem em uma teorização. Com tudo isso, o que se traz para a discussão é que, apesar de clamar por uma interdisciplinaridade, ainda há muita multidisciplinaridade no que se refere aos estudos sobre empreendedorismo. E isto é mais fortemente evidenciado em seus outros campos “mais recentes”, como ficou constatado neste trabalho. Por isso, há a necessidade de se promover o diálogo entre diferentes profissionais interessados no tema, sejam eles acadêmicos ou de mercado, para que cada um traga as suas contribuições para o campo e, conseqüentemente, para seus subcampos.

Essa poderia ser apontada como uma lacuna a ser explorada. Na obra de Acs e Audretsch (2006) são abordadas as mudanças do objeto de estudo do empreendedorismo, que migrou do indivíduo para a descoberta da oportunidade; do estudo das firmas para o agente de mudança. Isto aponta para uma necessidade de se estudar o ambiente de atuação do empreendedor, o que corrobora com Bruyat e Julien (2001) os quais afirmam que o campo ainda é novo, e que seu progresso depende de pesquisa e de uma teorização mais robusta, que talvez poderia ser alcançada por enfoques cada vez mais interdisciplinares.

Com tudo que foi afirmado até aqui, espera-se que este artigo possa contribuir para a expansão do campo e despertar para necessidade de teorização mais profunda e que promova uma maior interdisciplinaridade nos estudos sobre empreendedorismo e seus campos.

## REFERÊNCIAS

ACS, Zoltan J.; AUDRETSCH, David B. (Ed.). Handbook of entrepreneurship research: An interdisciplinary survey and introduction. Springer Science & Business Media, 2006.

ADORNO, Theodor W. O ensaio enquanto forma. São Paulo: Ática, 1986.

ALBA, Richard D.; LOGAN, John R. Minority proximity to whites in suburbs: An individual-level analysis of segregation. American journal of sociology, v. 98, n. 6, p. 1388-1427, 1993.

ALBA, Richard; NEE, Victor. Rethinking Assimilation Theory for a New Era of Immigration<sup>1</sup>. The New Immigrant in American Society: Interdisciplinary Perspectives on the New Immigration, p. 2, 2014.

ALIAGA-ISLA, Rocío; RIALP, Alex. Systematic review of immigrant entrepreneurship literature: previous findings and ways forward. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 25, n. 9-10, p. 819-844, 2013.

ALMEIDA, Gustavo de Oliveira; ZOUAIN, Deborah Moraes. Mapeamento da literatura sobre empreendedorismo: uma abordagem bibliométrica. *Biblionline*, v. 12, n. 2, p. 53-67, 2016.

BACELAR, Sueli Dantas; TEIXEIRA, Rivanda Meira. Produção Científica sobre Empreendedorismo no Brasil: estudo bibliométrico das publicações em periódicos e eventos entre 2008 e 2014. IX EGEPE, Passo Fundo, RS. Anais... Passo Fundo, 2016.

BECKER, Barbara; GASSMANN, Oliver. Corporate incubators: industrial R&D and what universities can learn from them. *The Journal of Technology Transfer*, v. 31, n. 4, p. 469-483, 2006.

BICALHO, Lucinéia. Interações disciplinares presentes na pesquisa em ciência da informação. *Transinformação*, v. 23, n. 2, 2012.

BOISOT, Marcel. Discipline and interdisciplinarity. In: *Interdisciplinarity: problems of teaching and research in universities*, p. 83-90, 1972.

BONACICH, Edna. A theory of middleman minorities. *American sociological review*, p. 583-594, 1973.

BORBA, Marcelo Leandro de; HOELTGEBAUM, Marianne; SILVEIRA, Amélia. A produção científica em empreendedorismo: análise do Academy of Management Meeting: 1954-2005. *Revista de Administração Mackenzie (Mackenzie Management Review)*, v. 12, n. 2, 2011.

BORNSTEIN, David. Como mudar o mundo: empreendedores sociais e o poder das novas idéias. *Record*, 2006.

BOSIO, Regina Shiraishi. Multidisciplinaridade e interdisciplinaridade uma análise da prática de atividades multi e interdisciplinares na visão dos profissionais que atuam nas unidades básicas de saúde no município de Petrópolis-RJ. *Dissertação (Mestrado em Administração) – FGV EBAPE - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas*. Rio de Janeiro, p. 105. 2008.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital *Handbook of theory and research for the sociology of education* (pp. 241–258). R.(1974). *The Power Broker: Robert Moses and the Fall of New York*, 1986.

BRUYAT, Chirstian; JULIEN, Pierre-André. Defining the field of research in entrepreneurship. *Journal of business venturing*, v. 16, n. 2, p. 165-180, 2001.

COOPER, Arnold. Entrepreneurship: The past, the present, the future. In: *Handbook of entrepreneurship research*. Springer, Boston, MA, 2005. p. 21-34.

CRUZ, Eduardo Picanço; FALCÃO, Roberto Pessoa de Queiroz. Revisão bibliométrica no tema Empreendedorismo Imigrante e Étnico. *Internext*, v. 11, n. 3, p. 78-94, 2017.

DAVIDSSON, Per. Looking back at 20 years of entrepreneurship research: what did we learn. *Entrepreneurship sustainable growth and performance*, p. 13-26, 2008.

EVALD, Majbritt Rostgaard; BAGER, Torben. Managing venture team relationships in corporate incubators: a case study of network dynamics and political rivalry in a high-tech incubator. *International Entrepreneurship and Management Journal*, v. 4, n. 3, p. 349-364, 2008.

FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de administração*, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999.

FRANCO, Jheine Oliveira Bessa; GOUVÊA, Josiane Barbosa. A Cronologia dos Estudos sobre o Empreendedorismo. *REGPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v. 5, n. 3, p. 144-166, 2016.

HÉBERT, Robert F ; LINK, Albert N. Historical perspectives on the entrepreneur. *Foundations and Trends® in Entrepreneurship*, v. 2, n. 4, p. 261-408, 2006.

HISRICH, Robert D. ; PETERS, Michael P. Empreendedorismo. Tradução de Lene Belon Ribeiro. 2004.

HOSELITZ, Bert F. The early history of entrepreneurial theory. *Explorations in Economic History*, v. 3, n. 4, p. 193, 1951.

ICELAND, John; WILKES, Rima. Does socioeconomic status matter? Race, class, and residential segregation. *Social Problems*, v. 53, n. 2, p. 248-273, 2006.

IIZUKA, Edson Sadao; MORAES, Gustavo Hermínio Salati Marcondes de; SANTOS, Anderson de Andrade. Produção acadêmica em empreendedorismo no Brasil: análise dos artigos aprovados nos eventos da ANPAD entre 2001 e 2012. *Administração: Ensino e Pesquisa*, v. 16, n. 4, p. 723-749, 2015.

JULIEN, Pierre-André. Empreendedorismo regional e economia do conhecimento. São Paulo: Saraiva, p. 305, 2010.

KLEIN, Julie Thompson. Interdisciplinary needs: the current context. *Library Trends*, 1996.

LANDSTRÖM, Hans. *Pioneers in entrepreneurship and small business research*. Springer Science & Business Media, 2005.

LANDSTRÖM, Hans; LOHRKE, Franz (Ed.). *Historical foundations of entrepreneurial research*. Edward Elgar Publishing, 2010.

LIGHT, Ivan; BHACHU, Parminder; KARAGEORGIS, Stavros. Migration networks and immigrant entrepreneurship. *Immigration and entrepreneurship: Culture, capital, and ethnic networks*, p. 25-50, 1993.

LOGAN, John R.; ALBA, Richard D.; MCNULTY, Thomas L. Ethnic economies in metropolitan regions: Miami and beyond. *Social forces*, v. 72, n. 3, p. 691-724, 1994.

MA, Zhenzhong et al. An overview of contemporary ethnic entrepreneurship studies: themes and relationships. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, v. 19, n. 1, p. 32-52, 2013.

MACHADO, Hilka Pelizza Vier; NASSIF, Vânia Maria Jorge. Entrepreneurs: Reflections on Historical and Contemporary Concepts. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 18, n. 6, p. 892-899, 2014.

MACINNIS, Deborah J.; FOLKES, Valerie S. The disciplinary status of consumer behavior: A sociology of science perspective on key controversies. *Journal of Consumer Research*, v. 36, n. 6, p. 899-914, 2009.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011.

NEE, Victor; SANDERS, Jimy M.; SERNAU, Scott. Job transitions in an immigrant metropolis: ethnic boundaries and the mixed economy. *American sociological review*, p. 849-872, 1994.

OLIVEIRA, Edson Marques. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios—notas introdutórias. *Revista da FAE*, v. 7, n. 2, 2004.

PINCHOT, Gifford. *Intrapreneuring: por que você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor*. Harbra, 1989.

PORTES, Alejandro; GUARNIZO, Luis Eduardo; HALLER, William J. Transnational entrepreneurs: An alternative form of immigrant economic adaptation. *American sociological review*, p. 278-298, 2002.

PORTES, Alejandro; ZHOU, Min. Gaining the upper hand: Economic mobility among immigrant and domestic minorities. *Ethnic and racial studies*, v. 15, n. 4, p. 491-522, 1992.

ROGERS, Everett M. *Diffusion of innovations*. Simon and Schuster, 2010.

SARASVATHY, Saras D. Causation and effectuation: Toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. *Academy of management Review*, v. 26, n. 2, p. 243-263, 2001.

SCHREIER, J. W.; KOMIVES, J. L. *The entrepreneur and new enterprise formation: a resource guide*. Milwaukee: Center for Venture Management, 1973.

SCHUMPETER, Joseph Alois. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro eo ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos. Empreendedor: origens, concepções teóricas, dispersão e integração. RAC-Revista de Administração Contemporânea, v. 18, n. 6, 2014.

VENKATARAMAN, Sankaran et al. Reflections on the 2010 AMR decade award: Whither the promise? Moving forward with entrepreneurship as a science of the artificial. Academy of Management Review, v. 37, n. 1, p. 21-33, 2012.

VÉSPER, K. H. Sub-fields of entrepreneurship. In: Annual Meetings of the Academy of Management, 37., 1977, Orlando. Proceedings... Florida: AOM, 1977. p. 440-444.

WILSON, Karen E. Entrepreneurship education in Europe. In: Entrepreneurship and Higher Education. OECD, 2008.

ZHOU, Min. Revisiting ethnic entrepreneurship: Convergencies, controversies, and conceptual Advancements 1. International migration review, v. 38, n. 3, p. 1040-1074, 2004.